

A Festa do Corpo

Heloisia Ribeiro & Lucelena Delamaro

Resumo

Os mais velhos dizem que "o Carnaval não é mais como antigamente". A indústria cultural se apropriou de uma representação espontânea e livre, transformando-a em produto de consumo dos meios de comunicação, do turismo e da publicidade. O Carnaval é agora um espetáculo de consumo, muito mais que uma expressão da cultura do povo. Dessa forma, difunde a imagem de sensualidade, de festa do corpo, que contribui para a manutenção da idéia do "paraíso perdido" a ser redescoberto nos trópicos, nos corpos morenos e sensuais de nossas mulheres. A síntese dessa imagem estaria representada na figura da "madrinha da bateria" das escolas de samba - um sonho que povoa a imaginação dos homens e das mulheres.

Introdução

Antigamente, as mocinhas da classe média sonhavam se tornar misses. Hoje, a grande maioria só pensa em fazer um curso de modelo, produzir um book e sair por aí, enfrentando longas filas nos testes ou fazendo caras e bocas e cabelos jogados prá lá e prá cá, para os "descobridores de talento". Com um pouco de sorte, muita anorexia e um silicone básico aqui e acolá, podem chegar a "estrelar" uma campanha publicitária. Se a exposição for boa e a repercussão, grande, podem almejar uma ponta numa novela, um convite para assistente de palco de algum jovem apresentador famoso ou para um "ensaio fotográfico artístico" numa revista masculina. Nesse movimento de ascensão, um dia, quem sabe, alcançam a glória das glórias - ser madrinha da bateria de uma escola de samba.

Mas o que é ser madrinha da bateria de uma escola de samba, além de usar o "fio da morte", ou um pesado esplendor bordado em pedrarias e recoberto de caríssimas plumas - em geral bancado pela própria moça - ou sambar sobre altíssimas plataformas de salto fino, para ter quinze minutos de destaque na imprensa? O que há por trás de tudo isso, a ponto de fazer com que algumas mulheres se desesperem até o choro ao serem dispensadas do posto ou não conseguirem ocupá-lo?

Se, atualmente, belas mulheres são quase tudo para uma escola de samba, nem sempre foi assim. Não é possível precisar o momento em que surgiu a figura feminina a frente da bateria das escolas de samba. Desde a década de 50, algumas passistas se destacavam no conjunto das escolas por conjugarem dois fatores: sensualidade e "samba no pé". Essas passistas ganhavam algum destaque, acompanhadas por um ritmista, que se apresentava fazendo malabarismos com um pandeiro. Elas faziam

mais ou menos o mesmo que fazem, hoje as madrinhas da bateria: excitar o público com seus requebros e trejeitos insinuantes. Mas eram sempre mulheres da comunidade, com um verdadeiro "samba no pé", como se dizia então.

Na década de 60, talvez pela primeira vez, uma mulher de fora da comunidade foi especialmente convidada para desfilar como passista de destaque numa escola de samba. Marisa Marcelino de Almeida, a "Nêga Pelé", encantou o todo-poderoso Natal da Portela a ponto de levá-lo a fazer esse convite. E, a partir de então, a "Nêga Pelé" viajou pelo mundo, no embalo do samba, desbravando trilhas hoje percorridas por outras rainhas. Ainda nos anos sessenta, o requebro infernal dos quadris de Regina Helena Esberard, a "Gigi da Mangueira", fez com que uma mulher branca e de olhos verdes, da classe média de Ipanema, conquistasse também o seu lugar no seleto grupo das passistas de destaque.

Parece que se inaugurava uma nova moda: convidar mulheres bonitas, que soubessem sambar, para participar do desfile como passistas de destaque, mesmo que não fizessem parte da comunidade da escola. Essas passistas, em geral, desfilavam no espaço entre o casal de mestre-sala e porta-bandeira e a primeira fila da bateria. Com o passar do tempo, e algumas presenças femininas marcantes pelo seu desempenho, a figura dessas passistas começou a se destacar cada vez mais. Até que, em meados da década de 80, a elevação de uma dessas mulheres a uma categoria de maior destaque ainda em relação às outras, foi estabelecida. A aproximação da bateria passava a ser anunciada pela presença e pela performance da "madrinha" ou da "rainha" da bateria.

O Carnaval de 1985 trouxe o título de madrinha da bateria para a mulher que desfilava à frente dos ritmistas. A modelo

* Historiador, Mestre em Educação, Professor e pesquisador da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade FUMEC/MG. É também membro do LABEPEH (Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino de História da FAE/UFMG). Atua na coordenação de Comunicação e Informação do Projeto Veredas - Curso Normal Superior a Distância. É autor de livro e artigos acadêmicos sobre as implicações das tecnologias digitais na sociedade atual. E-mail: eucidio@gmail.com

** Turismóloga, faz especialização em Docência no ensino superior no PREPEs (PUC Minas) e Turismo e Desenvolvimento Sustentável no Instituto de Geociências da UFMG), foi bolsista de Iniciação Científica (IC) do Centro Universitário UNI-BH e da FEAD (Faculdade de Estudos Administrativos de Minas Gerais) desenvolvendo pesquisas sobre Juscelino Kubitschek e também sobre mercado de trabalho de turismo em BH. Publicou artigo no XXV CBTUR 2005. E-mail: durcelinapi@yahoo.com.br

Monique Evans, na escola de samba Mocidade Independente de Padre Miguel, foi a primeira madrinha da bateria oficial, especialmente convidada para ocupar esse posto. A passista Soninha Capeta, desfilando pela Beija Flor de Nilópolis no Carnaval de 1988, foi a primeira rainha da bateria com essa denominação.

Cabe aqui desvendar um mistério do Carnaval carioca: qual a diferença entre a "madrinha da bateria" e a "rainha da bateria"? Quem explica essa diferença é o carnavalesco Alexandre Louzada, quando diz que a "rainha da bateria" é uma mulher da comunidade, escolhida pelos ritmistas, enquanto a "madrinha da bateria" pode ou não ser da comunidade mas ocupa esse posto a convite da direção da escola. Quase todas as escolas possuem "madrinha" e "rainha" da bateria, mas como as madrinhas costumam ser figuras de maior destaque na mídia, essas concentram as atenções da imprensa e do público.

Passa a ser possível, então, classificar as mulheres à frente da bateria em duas categorias:

- sambistas de tradição, integrantes da escola de samba que representam e conhecidas no mundo do samba;
- mulheres famosas ou em evidência à época do desfile por razões que nada têm a ver com o carnaval - geralmente atrizes e modelos escolhidas por sua beleza.

Apesar das restrições dos sambistas ortodoxos, a idéia de trazer mulheres de fora da comunidade para os desfiles vingou, e o público aprovou a novidade de ver de perto as suas musas - a beleza de Luiza Brunet, de Luma de Oliveira (em 1987, com seios ao vento e samba no pé), de Luciana Sargentelli (e seu desvario em 1992, sambando até sangrarem os seus pés). O posto virou uma atração a mais devido ao interesse da mídia, traduzido no assédio dos

fotógrafos e cinegrafistas quando mulheres famosas passaram a brilhar na função.

Tudo começou nos anos 80, quando muitas transformações ocorriam na vida social brasileira. Foram mudanças políticas, socio-econômicas, nos costumes, na moda e no estilo de vida. As representações coletivas se modificaram, conforme os meios de comunicação se apropriavam de suas expressões e as disseminavam pelos mais diversos setores da sociedade. Houve um certo frisson na atmosfera cultural, uma sensação de liberdade capturada por essas manifestações coletivas e repassada pela mídia. Não foi à toa que em 1979, a Escola de Samba Beija Flor de Nilópolis ousou trazer à avenida, pela primeira vez, durante o seu desfile de Carnaval, mulheres nuas (ainda que envoltas em tecidos transparentes). No ano seguinte, e nos demais a partir daí, um número cada vez maior de belas mulheres passou a desfilarem nua, ou recobertas de purpurina e brilhos, em todas as escolas de samba, tornando-se uma "marca" do Carnaval carioca.

Os mais velhos diziam: "o Carnaval não é mais como antigamente". E não era mesmo. O Carnaval voltava-se, cada vez mais, para os veículos de comunicação - em especial, a televisão - e para os turistas. Tinha se tornado um espetáculo midiático de consumo, que parava a vida do país, pautava os noticiários e envolvia um intenso processo de profissionalização das atividades, diretas e indiretas, dos desfiles cariocas. O Carnaval perdia as suas características originais de festa espontânea e livre, cedendo lugar a um tipo de manifestação organizada segundo padrões da indústria cultural e transformada em produto de consumo dos meios de comunicação de massa, das agências de turismo e da publicidade.

A tendência à profissionalização das atividades ligadas ao Carnaval e às escolas

de samba foi um movimento que começou nos anos 70 e se intensificou na década seguinte. Essa organização sistemática do Carnaval, e sua aproximação com a televisão, atraiu setores médios da população urbana, ascendente ou aspirantes a tal - socialites, atrizes, modelos, manequins - que buscavam exposição pública e divulgação de suas atividades, na maioria das vezes privilegiando o corpo como principal instrumento de seu trabalho. Essa profissionalização, associada a inauguração da Passarela do Samba, ao mesmo tempo que contribuiu para a aproximação da mídia, também teve, como consequência, restringir o acesso do povo. Delimitados os espaços para o povo nessa festa, tanto como participante quanto como observador, a classe média sentiu-se mais "segura" para ocupar espaços dos quais, originariamente, não participava. Para o povo, sistematicamente, a relação com a festa passou a ser mediada pela imagem vista de longe, ao vivo, nos locais demarcados dentro do Sambódromo ou de mais longe ainda - pela televisão.

Excluídos do contato direto com a organização da festa e tendo limitado o seu espaço de participação efetiva durante os desfiles, o povo passou a ter uma relação idealizada com o Carnaval. Entretanto, longe de se sentir excluída, a população reelaborou esse movimento, interpretando-o como uma forma de reconhecimento, pela elite, de seus valores culturais. Utopicamente, acreditava se concretizar uma anulação das hierarquias e se efetivar uma real convivência entre ricos e pobres, desfilando lado a lado. Enquanto isso, a elite descobria o Carnaval do samba, da avenida dos desfiles, da festa do corpo, da satisfação narcísica. O Carnaval passava a ser rico de sentidos e de possibilidades de prazer. Ainda que a festa continuasse dramatizando ritualisticamente a integração dos seus

elementos, isso se dava cada vez mais de forma simbólica, mais visual do que corpórea, muito mais como proposta do que como realização.

As camadas subalternas da sociedade podiam "ver de perto" os seus ídolos, ainda que esse perto não estivesse ao alcance de suas mãos. Já as camadas dominantes reafirmavam a ideologia da integração social e da miscigenação racial, misturando-se mas onde sabiam que não estariam expostos ao pleno acesso. Ofereciam, por umas poucas horas, a sua imagem, seus sorrisos e acenos não apenas pela manutenção da pseudo-integração sócio-racial mas também porque essa exposição reverteria em marketing pessoal e profissional, satisfazendo egos e saldos bancários. Nessa perspectiva, as mulheres começaram a oferecer a imagem de seus corpos perfeitos, previamente retocados para o consumo das massas, e trabalhados por bisturis e muito suor. Imagem reconstruída pela indústria cultural em luzes e cores estrategicamente capturadas por suas lentes, transmitida pela televisão e pelos fotógrafos, remodelando o sentido original da festa.

O Carnaval começava a se constituir num espetáculo de consumo de belos corpos femininos excitando os homens, provocando-lhes ansiedade e ereção, que não seriam consumados com eles. Imagens que destacam padrões de beleza e insinuam prazeres que nenhuma outra mulher poderia oferecer - porque aquela imagem seria única e seu prazer prometido, irreal. Enfim, uma construção abstrata que, no imaginário social, preenchia o desejo dos homens e despertava frustração nas mulheres. Imagens para excitar o homem e mantê-lo sob constante ansiedade na busca do gozo perfeito; imagem servindo de modelo para as mulheres, mantendo-as mais ocupadas na ginástica, mais endividada em tratamentos estéticos, mais passivas num

estado de quase constante de inanição, dependente de moderadores de apetite e anti-depressivos. Insatisfeitas com seus próprios corpos, tentando reconstruí-los; insatisfeitas como mulheres, por não conseguirem a imagem ideal que daria o gozo perfeito a seus homens. Aos homens ansiosos juntam-se mulheres insatisfeitas, movimentando a economia e a sociedade no restante do ano.

O símbolo maior dessa imagem perfeita, de uma mulher idealizada, da possibilidade de gozo pleno, é sintetizado na imagem da mulher que vem à frente de uma multidão de homens em estado de êxtase - a madrinha da bateria. Homens envolvidos pelo som forte e cadenciado, com o corpo coberto de suor, em plena concentração de seus esforços, com os músculos tensos, como se prestes a explodir em gozo. Plenos de prazer e de paixão, pela música e pela mulher que requebra sensualmente à frente, intocável. Uma imagem que representa para eles, e para todos que a vêem, a síntese do objeto de todos os desejos. Que todos querem olhar, desfrutar da promessa do prazer perfeito, concretizado na imaginação. Uma imagem capturada nas telas e nas lentes, para explorar as emoções do público, para chamar a atenção, e convidar a todos à simulação do sexo, que reproduzindo-se exaustivamente, acaba banalizado. A madrinha da bateria é, durante o momento fugaz do seu reinado, uma espécie de concentradora das energias libidinais. Uma imagem para ser vista e reverenciada, para povoar o imaginário de homens e mulheres, inacessível para a maioria dos mortais como um dia já foi a figura da miss. Um sonho povoando a cabeça de uma multidão de meninas. Um sonho sensual representando uma festa não mais popular, mas de consumo.

Uma imagem que se multiplica e se liga, definitivamente, a do próprio Carnaval

carioca, tornando-se uma referência, uma marca que exalta a liberdade e a sensualidade, não apenas da festa como da própria gente que festeja. Esse paraíso do prazer atrai as atenções, desperta o interesse de percorrer os caminhos limítrofes e os interstícios por onde se ocultam os prazeres proibidos no restante do ano, nas outras terras, nos outros corpos que não se permitem à entrega plena dessas sensações. Estranhos e estrangeiros se dirigem à festa para descobrir nela, no seu povo e nas suas mulheres, a liberdade de serem o que quiserem, com ou sem máscaras e fantasias, trocando aleatoriamente de corpos. Homens que mergulham numa nova e desconhecida coletividade na tentativa de renovar-se, de dar vazão aos seus instintos e descobrir os prazeres prometidos e, até então, ignorados ou negados.

A imagem veiculada pela mídia continua, de certa forma, a vender o Brasil da mesma forma que no passado: uma terra exótica, selvagem, uma natureza que deve ser domada pela cultura. São incontáveis as reportagens sobre a acolhida do povo, o calor da convivência, a beleza "natural" de suas mulheres selvagens, sensuais e receptivas. Mulheres que no passado já haviam deslumbrado os colonizadores portugueses com a sua intensidade sensual. Da mesma forma como foram por eles seduzidas, pois como já dizia Gilberto Freyre, as mulheres indígenas revelaram preferência para contatos sexuais com portugueses que, em confronto com machos indígenas, se revelaram mais ardorosamente potentes, visto serem parceiros esporádicos. Talvez tenha sido a partir desse momento que a imagem da mulher brasileira começou a ser associada a de "fêmea no cio" que, ainda hoje, é vendida lá fora.

Essa versão do Brasil sensual, da terra dos prazeres do corpo, principalmente durante o Carnaval, é perigosa porque

reforça a visão ignominiosa de que, nesta terra, o papel da mulher é satisfazer o desejo dos homens com seu corpo. E que o dócil e feliz povo brasileiro é receptivo a qualquer estrangeiro que os honre com sua visita, abrindo-lhes espaço para a expressão dos seus desejos, para o que possa chamar de pecado, para a permissividade, a exploração sexual ou o abuso. Como se aqui se concretizasse a "visão do paraíso", a legendária construção do imaginário europeu do "paraíso perdido" renascentista, exaustivamente elaborada, tanto pela literatura como por toda sorte de registros iconográficos, desde os tempos do Descobrimento em referência às terras brasileiras e ao seu povo.

A primeira impressão, mesmo que já façam 500 anos, foi a que ficou e foi redescoberta pela imprensa, pelo turismo, pela propaganda. O exotismo brasileiro, como fator de consumo, vem atraindo milhares de visitantes em busca de um belo exemplar de sensualidade pura. Num dos maiores eventos nacionais, em que a sensualidade encontra razão para ficar em voga e o erotismo envolve hábitos e cotidianos, a impressão de estrangeiros que vem ao Brasil no Carnaval é a mesma: a sensualidade, o corpo e o prazer são algo normais para os brasileiros. E isso mexe com a libido dos turistas e povoa sua imaginação com fantasias de belas e sensuais mulheres, que expõe seus traseiros com naturalidade, como as curvas do Pão de Açúcar.

O caráter alegre, festivo e sensual é como uma válvula de escape às contradições e insatisfações, renovando a ordem existente, permitindo escapar às dominações do cotidiano, ainda que temporariamente. A ginga sensual das mulheres e o ar excitado dos homens contribuem para reforçar a imagem do Carnaval como uma festa do corpo. Transformado em espetáculo de consumo

sexual, deixou de ser uma festa do povo, passando a uma festa para os sentidos, noticiada pela imprensa, multiplicada em imagens que percorrem o mundo, contribuindo para divulgar, muito mais do que os aspectos culturais, o caráter erótico. E cada vez mais aportam, no Rio de Janeiro, pessoas dispostas a mergulhar nessa fantasia do Trópico de corpos morenos e suados, prometendo todo o tipo de prazeres. Uma fantasia que poderia ser chamada de mercantilização do corpo, principalmente do corpo feminino, onde a imprensa teria o papel de "praça do mercado" onde se desenvolve esse novo comércio do prazer.

Não podemos dizer, entretanto, que esse comércio seja exclusividade tropical. Mesmo nos países considerados mais desenvolvidos, apesar da civilidade, da história e da sofisticação, também se abusa do corpo, em especial do das mulheres. O equívoco que ocorre, e que diferencia o comportamento hedonista de alguns visitantes durante o período do Carnaval, é que muitos sucumbem à fantasia de que aqui é um país desreprimido, liberado, onde as mulheres vivem seminuas e receptivas à abordagem sexual a qualquer momento. A ênfase no corpo que o Carnaval divulga acaba por reduzir a mulher a mero objeto e a trivialização do ato sexual equipara-o a beber uma cerveja para matar a sede, em qualquer esquina, consagrando o caráter descartável das relações. O corpo das mulheres é, de novo, exaustiva e doentamente explorado, onde se confunde erotismo com promiscuidade e desejo com perversão. E, rapidamente, o objeto de consumo apetecível se transforma em lixo descartável, as musas de um Carnaval raramente se repetindo no outro. Por isso, elas precisam desesperadamente aproveitar o seu tempo de exposição na frente das luzes e das lentes.

Não importa que a mocinha de hoje não tenha lido "O Pequeno Príncipe" de Antoine de Saint-Exupéry, que saia nua nas páginas de um revista masculina ou que requebre sensualmente a frente de um legião de homens extasiados, porque isso não vai comprometer a sua reputação e desvalorizá-la no mercado matrimonial. Somente o que importa é o desejo, numa "corvéia do prazer", onde todos e cada um devem se dedicar incessantemente a essa busca. O desejo de uns poucos minutos de fama e o prazer de alimentar os múltiplos desejos de uma multidão de corpos, de uma multiplicidade de lentes. A sua chance está naqueles minutos, e seu futuro pode vir a depender dos desejos que consiga despertar. Seu prazer está restrito àqueles minutos e a possibilidade de multiplicá-los no futuro.

Não importa o "fio da morte", o peso do esplendor, os pés sangrando na sandália. A dor pode ser sublimada no prazer que causa nos outros; na capacidade de despertar o desejo masculino e a inveja das outras mulheres. Da capacidade de se fazer desejada, cobiçada, objeto de um gozo desconhecido e que nem mesmo vai chegar perto dela, depende sua carreira e a continuidade do espetáculo. Seu corpo deve ser apenas uma imagem perfeita, abstrata, onde a humanidade é menos importante do que aqueles minutos que varrerão o mundo, que a levarão para longe e trarão milhares de olhos para mais perto. E no próximo ano, no próximo Carnaval, esses olhos de agora poderão se transformar em mais corpos em busca do prazer nessa Cidade Maravilhosa - visão do paraíso que se perpetua na promessa de que não existe pecado do lado de baixo do Equador.

Mas entre o sonho sensual oferecido por esses corpos perfeitos, cujas imagens correm o mundo, e os olhos gulosos que impelem os corpos a vir em busca dessas promessas há um grande hiato preenchido por outros

sonhos. Sonhos de meninas comuns, que não conseguiram compor um "book", que não são destaque na mídia e andam em busca da tão falada chance de serem "descobertas". Meninas que malham o corpo em busca das formas ideais, que se submetem aos caprichos dos modismos e se expõem nas praias e nas academias, nas muitas passarelas da vida, nas zonas nobres ou periféricas da cidade, em busca desses poucos minutos que poderiam revolucionar as suas vidas.

Muitas delas se expõem a tudo que possa servir ao desejo de quem pode pagar, de quem pode comprar. Do fellatio apressado numa esquina ou numa praia qualquer, sem compromisso, sem pecado, à prostituição, à exploração sexual, consumindo corpos com violência e voracidade num absoluto desrespeito pela condição humana e pela dignidade. O centro da nossa cidade ou as sombras da noite na sofisticada orla da zona sul servindo de abrigo e esconderijo para o que restou dessas "meninas", depois que seus corpos foram usados e seus sonhos se mostraram tão estranhos à realidade quanto o é sua fantasia carnavalesca para vesti-la na rotina do dia-a-dia. O momento de prazer transitório não servindo para modificar-lhe o cotidiano que, para além do Carnaval, se perpetuará depois da Quarta-feira de Cinzas, quando as luzes se apagam e as lentes se voltam para outras passarelas, outros sonhos.